

ENTREVISTA COM MARIA LÚCIA DA SILVA

Psicanálise Periférica: Primeiro, gostaríamos de agradecer a disponibilidade da senhora. Pensamos inicialmente em falar sobre sua vida, o seu percurso, não só acadêmico, mas, como foi essa chegada de ver a dimensão da psicologia, da psicanálise enquanto um trabalho.

Maria Lúcia: É, envolve uma vida, né? Na década de 70, eu trabalhava no metrô, na Companhia Metropolitana de São Paulo, e dois colegas da instituição, um deles bastante conhecido, que é o Milton Barbosa, do MNU, e o outro, Isidorio Teles, começaram a conversar comigo sobre nossa história ancestral. Eu não tinha a mínima ideia da existência do racismo, e eles me introduziram nesse campo.

Esse foi um momento chave na minha vida, porque quando eu compreendi o que era o racismo, eu tinha por volta de 24 anos, era normalista, a vida estava pré definida: ia ser professora, teria uma vidinha normal, encontraria um namorado, casaria, teria filhos e a vida seguiria, conforme o modelo estabelecido. E esse encontro foi decisivo na minha mudança, porque nesse momento, nessas conversas, eu compreendi o que era o racismo e o impacto em minha vida, conforme escrevi na introdução do livro Tornar-se Negro, de Neusa Santos Souza.

“Nunca tive dúvidas de que eu era preta e gostava de sê-lo, mas não conseguia decifrar a angústia, o embaraço que eu vivenciava na relação com o outro, em especial na escola e no trabalho. Em 1976, quando fui interpelada por dois militantes¹ do movimento negro, o enigma começou a ser resolvido. Eles estavam empenhados na reativação do Centro de Cultura e Arte Negra – Cecan,² e, instigada pelo questionamento, eu me aproximei, e eles me contaram o que era o racismo, o que ele produzia na vida das pessoas.

¹ Eram eles Milton Barbosa e Isidório Teles de Souza.

² Fundado na cidade de São Paulo, o Cecan (1971-81) foi uma das primeiras entidades negras a trabalhar o conceito de negritude, logo se tornando um polo agregador de militantes, jornalistas, escritores, intelectuais e estudantes negros e negras. Em seu espaço se reuniam a discussão política e a produção cultural, contribuindo para fortalecer o movimento negro. https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_de_Cultura_e_Arte_Negra

E tudo ganhou sentido, significado, nome: memórias remotas foram acionadas, e como num filme, cenas foram se desenrolando e tomando conta de mim. Neste momento, eu pude nomear aquele embaraço, aquela angústia, e fazer laço com a realidade.

Eu constatei a existência do racismo! Eu compreendi o que se operou em minha vida, durante anos: experiências de exclusão, discriminação e humilhação. Foi um processo vivido com muita dor, raiva, ódio e indignação, mas tão libertador. Surgia ali o sujeito e nascia a ativista.”³

Esse foi o momento da grande virada em minha vida: ao entrar em contato com minha negritude, com a história de meu povo, com a história do Brasil pude ressignificar minha história e redefinir meu percurso. Poder compreender o que é ser negra e nomear os sentimentos que me atravessavam ampliou a minha capacidade de pensar e projetar a vida: ali se fez a ativista.

Essa vivência também possibilitou minha compreensão de como o racismo impactava a nossa vida emocional, nossa saúde mental e material, e neste processo de descoberta escolhi fazer psicologia, uma escolha política, que iria definir meu percurso pessoal, profissional e político.

Nesse processo fui rever a família, as formas como elas nos ensinavam sobre as violências que iríamos nos deparar em relação ao cabelo, ao casamento, entre outras coisas. Um tema que precisamos rediscutir à luz dos processos e avanços políticos da população negra, como resultado da luta antirracista é sobre o desejo de nossos pais por filhos brancos. Precisamos fazer uma revisão da literatura, não só à luz da violência colonial vivida por nossos pais, mas também à partir das conquistas efetivas à partir do enfrentamento ao racismo. O Movimento Antirracista ao produzir conhecimentos sobre nós, nossa história e o processo escravagista, assim como as estratégias da branquitude para nos fragilizar e nos responsabilizar pelo embranquecimento, possibilitou mudança de mentalidade, conquista de um olhar de respeito sobre nós, assim como a compreensão do impacto das estratégias de embranquecimento que pesava sobre negras e negros. É verdade que não estamos isentas desses métodos, mas não podemos penalizar nossos pais e mães. Na verdade, sabemos que a escola foi e ainda é, o instrumento privilegiado para promoção de estratégias de embranquecimento através da negação da história da África e dos africanos, e pela forma

³ Cf. Neusa Santos Souza. Tornar-se negro. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p.16.

como utilizou o processo de escravização nos responsabilizando pelos seus efeitos e resultados. Uma escola que segue desconsiderando a história dos povos negros. Considero que muito dos ensinamentos transmitidos por nossos pais, na verdade, sempre souberam da existência do racismo e que ele seria um impedimento para nosso ingresso no trabalho, para sermos aceitas, para sermos reconhecidas. Nossas mães nos prepararam para as violências que iríamos viver, não podemos penalizá-las.

Retomando o CECAN, minha participação possibilitou um processo de construção de minha identidade, de identificação com meus pares, de deixar o cabelo natural, e de espelhamento na luta dos negros americanos e na palavra de ordem Black is Beautiful; momento de emergência dos bailes Black / Soul, enquanto lá um movimento político de enfrentamento à segregação racial, aqui, na década de 1970 vivenciamos a ditadura, um momento emblemático no mundo. Aqui no Brasil os grupos do Movimento Negro faziam a discussão e construíam estratégia para passagem da data de 13 de maio para 20 de novembro, como data representativa da luta do negro no Brasil e acompanhavam os processos de luta por libertação de Angola, Moçambique e Guiné Bissau. Foi nesse contexto que Teresa Santos, militante do Partido Comunista no Brasil e fundadora do CECAN foi para Angola para integrar e contribuir nas lutas pela libertação dos povos africanos a se libertar do jugo colonialista.

Fruto de toda mobilização dos negros nacional e internacionalmente em 1978 vamos pra rua e nasce o Movimento Negro Unificado nos degraus do Teatro Municipal de São Paulo responsabilizando o Estado Brasileiro pelas precárias condições de vida da população negra e reivindica políticas públicas para o enfrentamento. Os próximos 20 anos serão dedicados a construções de várias políticas no campo da saúde, educação e trabalho, entre outras ações, como construção de indicadores, de pesquisas etc.

Então, esse foi o meu início e sigo atuando até hoje. Em 1978 iniciei a formação em Psicologia, nas Faculdades Brás Cubas, em Mogi das Cruzes, e terminei em 1984, pelas Faculdades Paulistana de Ciências e Letras, São Paulo, Capital; iniciando os atendimentos, no primeiro semestre de 1985. E não foi simples, a vida não era fácil: Nessa época eu morava em Cumbica, Guarulhos, trabalhava no centro da cidade de São Paulo e estudava em Mogi das Cruzes. Era uma via crucis; o que eu vivi não é nada diferente do que vários jovens ainda hoje seguem vivendo se quiserem estudar. Hoje está um pouco diferente, mas

estudar pra nós sempre foi um investimento e um grande esforço, levando em conta que nossos salários faziam e fazem parte do sustento da casa.

E em 1982 inicio meu processo de análise. Se ainda hoje ouvimos várias histórias onde analistas brancos têm dificuldades na escuta, não conseguindo ligar a existência do racismo às experiências vividas pelas pessoas negras, imagina em 1982 o que eu escutava no divã, quando levava minhas vivências de racismo: foi um enfrentamento durante muito tempo. Eu dizia: você não está entendendo, o que estou lhe contando é uma vivência de racismo. Foi um longo processo de alfabetizar minha analista, até ela se render e perguntar: o que devo ler?

Mas até aí, ler não é o suficiente para o outro entender as questões cruciais e os ataques racistas que vivemos: como nos afeta, os conflitos internos que provocam, os silenciamentos, os ataques que sofremos etc. E assim começa o meu percurso analítico.

Comecei trabalhar muito cedo, tinha seis anos de idade. Tinha uma prima que levava eu e a filha para ajudá-la na limpeza da boate onde trabalhava, enquanto ela fazia a limpeza grossa, nós lavávamos copos, serviço leve, pra nós era uma brincadeira, mas aquilo era infantil. Aos oito anos comecei a trabalhar na casa de uma pessoa do bairro onde eu morava, costurando anáguas. e, ao final de 30 dias quando recebi meu pagamento, fui para casa chorando e, quando cheguei em casa perguntaram: “o que aconteceu?” Eu mostrei o que tinha recebido e disse para minha mãe e irmãs que eu tinha trabalhado muito para receber tão pouco. Só mais tarde eu entendi e pude nomear que aquilo se chamava exploração. Dos 14 aos 30 anos trabalhei em empresas na área administrativa e durante a faculdade comecei a trabalhar numa escolinha, nos Jardins, para crianças especiais. Foi uma experiência incrível, importante espaço de muita aprendizagem e de aplicação das aprendizagens adquiridas na faculdade.

Em 1986, integrei a Comissão de Mulheres Negras, do Conselho Estadual da Condição Feminina⁴, uma conquista do Movimento de Feminista por ocasião das eleições diretas em São Paulo, assim como o Conselho de Desenvolvimento e Participação da População Negra uma conquista do Movimento Negro, foram órgãos cuja tarefa é formular

⁴ Para saber mais ver: O protagonismo das mulheres negras no Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo (1983-1988). <https://www.scielo.br/j/cpa/a/ZS44nSyKRvPYX3rP6MJKJKM/>

políticas para esses seguimentos. Os dois primeiros órgãos públicos no Brasil, a produzir políticas para mulheres e população negra, fruto da eleição livre para governador, em 1982. Quando o Conselho apresenta as conselheiras da sociedade civil que faziam parte do Conselho não tinha nenhuma representação das mulheres negras, que fizeram uma grande mobilização pressionando o Estado. Foi conquistada duas cadeiras no Conselho, Thereza Santos e Vera Lúcia Freitas Saraiva, integrei a Comissão de Mulheres Negras que foi criada dentro do Conselho fui convidada por Sueli Carneiro para fazer parte. Entre muitos trabalhos desenvolvidos, em 1988 realizamos o Tribunal Winnie Mandela que tinha por objetivo colocar o Estado no banco dos réus, ação que estava em desacordo político com a proposta do Estado que era festejar os 100 anos da Lei Áurea. Essa ação foi determinante para que a Comissão fosse desfeita, estávamos dentro do Estado fazendo uma ação contra o Estado; realizamos o Tribunal com o apoio da OAB de São Paulo, no salão nobre da Faculdade São Francisco, mais de mil pessoas participaram e tivemos uma juíza que condenou o Estado, foi muito incrível.

Esse foi um momento importante no país, com manifestações do Movimento Negro, em nível nacional denunciando o racismo no Brasil, enquanto o Estado comemorava o centenário da abolição, foram muitos os confrontos políticos. Antes de terminar nosso vínculo com o Estado e compreendendo a necessidade de criação de uma instituição para podermos desenvolver o trabalho que compreendíamos ser necessário, criamos o Geledés – Instituto da Mulher Negra e começamos a operar a partir de 1989 onde fiquei até 1992.

Em 1989 junto com outra integrante da instituição viajei para Atlanta e Nova York para conhecer a metodologia do Projeto Nacional de Saúde de Mulheres de Mulheres Negras sediado em Atlanta e organizado em 22 estados americanos. Fomos conhecer a metodologia de trabalho; uma das experiências mais emocionantes que participei, integramos um retiro com participação de duzentas mulheres negras discutindo suas histórias atravessadas pelo impacto do racismo em suas vidas.

Voltei completamente envolvida com a experiência e, em seguida, desenvolvi e coordenei um projeto nomeado de “Construindo nossa Cumplicidade” com a mesma metodologia – grupos de auto ajuda – e trabalhei durante três anos com grupos de mulheres negras: foi uma grande aprendizagem.

Em setembro 1995, junto com mais quatro psicólogas negras, criamos o Grupo AMMA Psique e Negritude com o objetivos de trabalhar as complexas relações e impactos produzidos pelo racismo. Nossa atuação sempre foi pautada pela convicção de que o enfrentamento do racismo, da discriminação e do preconceito se faz necessariamente por duas vias: política e psiquicamente.

Nossa ação priorizou os trabalhos em grupo, voltado para o coletivo, e os participantes evidenciaram seus processos de isolamento e solidão no trato do tema. A prioridade nos primeiros anos foram os trabalhos com grupos, mas também com atendimentos individuais. Primeira organização do Movimento Negro a trabalhar o impacto e efeitos do racismo em nosso desenvolvimento; tínhamos como perspectiva introduzir o tema no âmbito do Movimento Negro, pois considerávamos importante que as organizações incluísse o tema da saúde mental em suas pautas e chamávamos a atenção para o papel da sociedade civil na corresponsabilidade da reflexão do tema. a saúde mental sobre a dimensão do racismo.

Na atualidade passamos por uma reposição e passamos a ser: AMMA, Psique e Negritude, Pesquisa, Formação e Referência em Relações Raciais. O fato de termos sido a primeira organização do movimento negro a trazer o tema da saúde mental, dos impactos do racismo, não significa que não houvesse produções, pelo contrario, Neusa Santos já tinha produzido o livro Tornar-se Negro, mas como coletivo não tínhamos construindo um compreensão sobre como o racismo impactava mental e psiquicamente e nem formas de lidar. E a gente tinha duas grandes ações: primeiro era poder fazer esse debate com a sociedade de uma forma geral e por outro, discutir no interior do movimento negro a necessidade dos grupos integrarem ações para investir em fortalecimento da autoestima, mas sabendo que o racismo produzia sofrimento psíquico.

Psicanálise Periférica: E como que foi, nessa época da criação do AMMA, os desafios e dificuldades dentro do campo da psicologia e psicanálise?

Maria Lúcia: Nós éramos quatro psicólogas negras que, nos primeiros cinco anos, a gente trabalhou mais pra dentro, mais trabalhando com grupo, fizemos grupos muito interessantes e conseguimos perceber uma demanda por encontros, por conversas, porque havia um sentimento e uma experiência de solidão onde não se conversava muito sobre essa dimensão psíquica. Então fizemos vários trabalhos nessa dimensão e fomos participando

das ações mais gerais do movimento negro, por exemplo, da construção da política de saúde e também começamos a atuar no sistema do Conselho de Psicologia e conheci Jesus Moura, psicóloga de Recife, que fazia parte do Observatório Negro, que foi a organização que fez a primeira proposta da Resolução 018/2002 e a conheci no lançamento da primeira campanha realizada pelo Sistema Conselho de Psicologia sobre a questão racial. Então, essa foi a primeira entrada que a gente fez mais institucionalmente. E depois é ativismo, é cobrança, é mostrar para onde devia ir, é articular uma rede em volta do Conselho para poder pressionar para a incorporação do tema nos seus documentos básicos. Isso foi processo. Com o tempo foi ampliando a participação de mulheres negras, articuladas como movimento negro, e em 2017 foi lançada a publicação *Relações raciais: referências técnicas para a prática da(o) psicóloga(o)*

Nós do AMMA até 2000 produzimos dois livros sobre a temática do racismo e saúde mental. Então, foi bastante intenso o nosso trabalho, porque também, à medida que a gente vai avançando na luta política, a população também vai reconhecendo as parcerias.

À medida que fui sendo conhecida, você vai sendo uma referência no Movimento, e a minha clínica é uma clínica eminentemente negra. No AMMA nós atendemos de 1995 até 2017, quando fizemos um reposicionamento interno e, compreendendo que é tarefa do Estado cuidar da saúde mental da população, em especial da população negra e também reconhecendo que a gente não dava conta de toda demanda e reconhecendo que, a partir das ações afirmativas, houve um aumento de grupos identificados com a questão racial e oferecendo serviços e acolhimento para a população negra, decidimos dar ênfase à formação. Nós desde o início desenvolvemos ações de formação e nessa ocasião tomamos a decisão de fazer um investimento de formação para profissionais da área da saúde, em especial saúde mental e ampliar a dimensão do cuidado e aportar todo o conhecimento que a gente foi construído nesse campo.

E fomos uma organização de referência nesse tempo, e hoje estamos expandindo o campo de ação com uma área de pesquisa à partir de nossa visão. Estamos realinhando uma pesquisa, em nível internacional, sobre as comunidades terapêuticas, um tema muito importante para nós negras e negros, tendo em vista a criminalização da população negra.

É, e aí tem a psicanálise, né? Eu conheço a psicanálise através da professora Marilene Guirado, que foi minha professora, que foi presidente do Conselho Regional Psicologia de

São Paulo e que era pesquisadora no campo das instituições. Então, foi uma professora que eu aprendi muito de análise institucional. Pude aproveitar muito, o primeiro contato que eu tive com a psicanálise foi com o Lapassade, que é da psicanálise das instituições, e a gente usou muito o Lapassade para nos sustentar no enfrentamento com a faculdade, na garantia das nossas escolhas.

E quando comecei a atender sempre busquei uma supervisora do campo da psicanálise; então meu contato com a psicanálise foi desde a formação e depois no acompanhamento clínico. Trabalhei muito com grupo e estudava e minha formação se deu fazendo grupos de estudos de Freud, fazia análise e seguia minha vida como psicóloga.

Em 2008 minha analista, Dra Joana Wilhelm, disse pra mim, “mas por que você não é psicanalista?” Perguntei: mas como assim? Ela disse: “você pensa e atua como psicanalista, você é uma psicanalista, eu não entendo porque você não se apresenta como tal.” E esse foi um momento importante de poder dar dimensão do entrave que o racismo produz em nós. Porque, até então, o psicanalista é o outro e é o outro branco. Embora já existisse Neusa Santos, Franz Fanon, e muitos outros, mas o que estava no nosso plano do inconsciente, enraizado profundo não permitia meu olhar sobre mim. E eu fiquei bastante, não sei uma palavra, não é chocada, mas é um pouco assim. E isso me fez... Bom, então pensei: agora eu vou buscar isso.

Aí fui para o Sedes, fiz primeiro o conflito de sintomas, depois entrei na formação, não terminei a formação por questões políticas, Mas foi um momento importante, conheci pessoas muito importantes nos círculos, fiz alinhamentos com pessoas que eu gosto muito, com psicanalistas que eu respeito e me autorizei a dizer que eu sou psicanalista Pra gente se permitir, é preciso um longo processo de compreensão. Mais do que compreensão do tema, e sim o que o tema faz para a gente.

E enquanto eu vivo essa experiência de racismo no Sedes, e a produção do livro “O Negro Racismo Brasil”, isso tudo vai contribuindo para a minha autorização sobre meu lugar: um livro importante em minha trajetória. Tanto a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e a do Rio de Janeiro, fizeram resenha do livro, na época. O livro rodou bastante, né? Nós mandamos para todas as bibliotecas, para todas as instituições de psicanálises.

Foi assim que fui colocando o meu corpo no enfrentamento, porque não é fácil, não. E aí tenho ido em vários os lugares e considero que uma das minhas tarefas, como psicanalista

que sou, é questionar a psicanálise. E ao mesmo tempo considero que temos acompanhado uma mudança no cenário da psicanálise. Vocês são fruto dessa mudança. Por que antes tinha o quê? As instituições clássicas da psicanálise. Mesmo que elas não estivessem no campo da IPA, elas tinham origem nos protocolos da IPA. E começam também, que eu acho bastante importante, os cursos de formação nas universidades públicas. Muitas universidades públicas estão produzindo nesse campo, mas me parece que a ênfase é no mestrado e doutorado.

As ações afirmativas ajudaram a mudar o colorido das e nas universidades públicas, concretamente. O movimento negro conquistou, não sem muita dor, não sem violência, não sem mortes, suicídios. Eu considero as ações afirmativas a política pública mais exitosa dos últimos 20/30 anos. E mais do que mudar o colorido, negros e negras construíram novas epistemologias e tem forçado a branquitude a rever a sua posição e seu espaço. A universidade continua violenta, continuamos perguntando, mas muita coisa mudou. Eu acho que a gente não pode abrir mão que nós somos fontes da mudança e que o estudo da psicanálise na universidade favorece a nós negras e negros.

Psicanálise Periférica: E por que a psicanálise? Isto é uma pergunta que a gente faz lá, no coletivo.

Maria Lúcia: Pra mim, quem me deu sustentação teórica para compreender o mecanismo psíquico do racismo e da branquitude foi a psicanálise. Eu sou uma psicóloga, mas pensar a constituição do sujeito, pensar o que é inconsciente, pensar o impacto das histórias no inconsciente, enfim, são temas da psicanálise. Pra mim, pra minha constituição como sujeito histórico foi dada pela psicologia, ela foi o meu primeiro instrumento de mudança e de compreensão. Mas é também na psicologia que eu sou apresentada para autores da psicanálise, que me dá a dimensão como é muito maior pensar a nossa constituição como sujeito.

Nós somos feitas de muitas marcas, marcas profundas e duradouras. Então, o que eu estou querendo dizer para vocês com isso? Do impacto que produz quando a gente consegue escutar; e é muito transformador quando tem alguém que te escuta inteiramente, completamente desarmado de qualquer conceito que tem sobre o outro; quando coloca a escuta a serviço da cura: é muito incrível.

Eu tenho uma experiência de adoecimento dos três aos seis meses de idade; contam minhas irmãs que fiquei por volta de quatro meses de cama, sem abrir o olho, sem falar; imagine isso há 75 anos atrás, em 1949, em Mirassol, interior de São Paulo. Um pai benzedeiro e uma criança toda inchada, que não abriu abria os olhos, não fazia som nenhum e uma mãe cuidando, molhando, pondo água em sua boca. Uma mãe que não saiu do lado da filha. São histórias que eu escuto.

Bom, eu sempre contei essa história, mas um belo dia eu escrevi. Estava fazendo parte de um grupo de mulheres que queriam escrever, orientadas por uma escritora que era amiga de todas nós. Eu fiz parte do grupo, tínhamos uma tarefa semanal, ela um tema e nós tínhamos uma semana para escrever e postar no grupo de whatsapp e ela fazia dos textos comentários, acentuando algumas questões que considerava relevantes e que nos ajudariam nesse propósito da escrita. Eu escrevi algo que fez uma mudança incrível na minha vida; fiz uma escrita automática. Escrevi minha experiência em primeira pessoa, o que fez toda diferença. E fui relatando sobre o fato, o ambiente, as pessoas que passavam pela casa, meus sentimentos em relação a uma casa cheia de gente e uma criança inerte (que era eu) que só ouvia, mas não via e nem falava. Então, eu ia escrevendo essas coisas que eu ia me atravessando. E me dei conta, que essa experiência seguia repercutindo em minha vida, por exemplo, quando assisto televisão nada escapa de minha audição, por isso eu sempre achava cansativo assistir televisão, pois eu ouvia tudo, sem exceção.

E isso tem me levado para a abertura de uma escuta clínica, mas também social e que eu acho não havia me dado conta, que são as escutas das escrituras, me dei conta das heranças que herdamos e nem sempre sabemos e me apropriei da curiosidade e desejo sobre a questão da herança e da memória. Descobri que isso sempre esteve presente, mas que só agora estava podendo ouvir. E só agora, depois de anos de análise, ter podido escolher um analista que me escuta, me escuta com um ouvido sensível, sem crítica, sem aversão, sem rejeição, sem racismos ocultos: isso faz muita diferença de todas as análises que fiz.

E a minha compreensão é que as/os psicanalistas brasileiros, em sua maioria brancos, ao não poder sustentar a sua história e herança e sustentar a história do Brasil, eles não puderam e não podem produzir nada que seja novo. Porque para produzir algo novo eles/elas têm que visitar as heranças negadas, será preciso produzir algo novo sobre si.

Precisam fazer o caminho que negros, negras e povos originários tem feito. É preciso olhar para a história: e não é essa a tarefa do analista quando escuta alguém? Que é o caminho de quem sou eu. Que é o caminho de quais são as minhas heranças: a resistência, conhecemos bem sua função, tem sido uma constante E, ao não fazer isso, eles também não puderam pensar sobre o impacto da escravização e do colonialismo no processo de desenvolvimento do Brasil e dos brasileiros: essa é a minha questão com a psicanálise.

Sabemos que para a gente fazer uma mudança de qualidade, nós precisamos fazer um processo de elaboração dessas marcas, e a branquitude precisa sustentar a sua herança escravocrata.

Mas, como não se muda só pela metade, a psicanálise e os psicanalistas brancos brasileiros terão que fazer isso em algum momento. Há o nascimento de uma nova geração de psicanalistas que estão fazendo esse caminho, como vocês da Psicanálise Periférica e alguns outros grupos que têm mudando o som e o tom da psicanálise. Isso é bom de ver e viver!

Psicanálise Periférica: Gostaria de fazer um comentário que, sinto, está relacionado com tudo isso. Também acho bem problemática essa ideia de que a mãe negra deseja um filho branco, bem como produzir coisas a partir dessa tese. E aí, pensando na configuração familiar da senhora e nas nossas, enfim... Tem um programa Roda Viva com o Ney Lopes que, em algum momento, ele começa a falar sobre o almanaque de figuras negras brasileiras⁵, então uma das entrevistadoras o questiona o motivo de ter colocado o Pelé, que é alguém que esteve pouco ocupado com a política racial entre aquelas figuras como Zumbi, Dandara, etc. O Ney Lopes responde que o Pelé está ali porque, primeiro, não tem como negar que o Pelé é uma grande figura negra que deveria estar num almanaque de cem figuras negras na história do Brasil. Ele diz que já viu muita gente comparar o Pelé com uma Muhammad Ali, por exemplo, mas o Muhammad Ali pôde se negar a ir para uma guerra, o Pelé não, porque ele vivia numa ditadura, aqui as pessoas negras sumiram. Ele falou, não sei se o Pelé tinha uma consciência de raça e de classe ou não, não sei... Se ele se posicionasse, bom... era um alvo fácil, porque era o rei de futebol, um homem negro. Depois, Ney Lopes diz que é da mesma geração que o Pelé, e que por isso acredita que suas

⁵ Cf. Ney Lope, Afro-Brasil Reluzente: 100 personalidades notáveis do século XX, Nova Fronteira, 2019.

famílias, só queriam que seus filhos tivessem sucesso, que fizesse alguma coisa, vencessem na vida.

Quando a senhora falou um pouco sobre nossa configuração familiar e essa coisa da mãe desejar um filho branco, é que veio essa lembrança dessa fala do Ney Lopes.

Maria Lúcia: Eu acho que é real a incorporação de um ideal branco em função de como a sociedade brasileira vem operando e sempre operou. Nós vamos ter configurações que nos “desabonem”, eu também fico pensando que foram nossas mães velhas, por exemplo, que fizeram caixinha para libertar, no período escravocrata, homens e mulheres negras. São as mulheres negras, nossas mães, que disseram que tem que estudar para ser alguém. Elas fizeram muito... As ações das mulheres negras foram muito impactantes no processo de desenvolvimento de atores da nossa época. Mas foi assim que elas nos educaram e a gente ia lá buscar as trouxas de roupa suja dos brancos, para nossas mães lavarem, era o dinheiro para nos sustentar, né? Minha mãe também trançava os nossos cabelos, das minhas irmãs, eu trançava o das minhas primas. Elas utilizavam todos os recursos que elas tinham para sustentar a nossa vida e com recursos que eram recursos negros. A trança é negra. Porque o que nos faz sustentar uma ideia é o que se passa cotidianamente para você, formalmente também. Então, se eu tenho um rádio, como é que era o rádio? Como é que era a televisão? Quais eram os exemplos? A gente aprende, também por imitação, como a criança. Então, você não nasce achando que você precisa ter tal coisa. Alguém diz pra você isso. E a política de embranquecimento, ela foi uma política de Estado. Ela foi calculada. Ela foi um processo educativo para nos tirar do nosso lugar e que isso vai interferir na nossa forma de pensar. Mas a gente precisa começar a mudar esse discurso, até porque nós mudamos muito o nosso discurso. A gente já tem avançado e estamos construindo outras referências que nos dizem sobre a boniteza da nossa pele, do nosso cabelo, a satisfação de ter essa cor. Como vocês! Nós não seríamos ninguém se não tivessem existido os nossos antepassados que construíram esse caminho pra gente se afirmar como sujeito, porque nós não éramos sujeitos.

Psicanálise Periférica: Então, não lembro se a senhora falou assim, mas eu escutei assim, esse seria um processo de ensino-aprendizagem? É que o nosso objetivo é que as violências não sejam introduzidas dentro do setting e também na transmissão de psicanálise.

Acreditamos que é necessário a inauguração de uma psicanálise brasileira, como a senhora diz em seu texto no livro *O racismo e o negro no Brasil*⁶. Isso serviu de título da nossa revista, inclusive. A senhora acha que ela já aconteceu?

Maria Lucia: Eu acho que ela vem acontecendo e vem acontecendo com os psicanalistas negros e brancos que estão comprometidos integralmente com a não colonialidade, com a denuncia do pacto narcísico da branquitude. Mas eu acho que ela vem acontecendo. Acho também que alguns projetos nas universidades públicas têm possibilitado e têm facilitado isso. Portanto, eu acho que a mudança da psicanálise, ela também tem vindo pela universidade. E ela vem pela universidade e vem como fruto das ações afirmativas. Isso eu não tenho nenhuma dúvida. Inclusive, falei na sexta-feira passada na RedIPol⁷, que eu achava que era muito melhor para os negros aprenderem psicanálise na universidade e depois arrumar um/uma boa psicanalista para lhe acompanhar. Mas eu tenho visto isso, eu tenho acompanhado. Tenho feito coisas também, tenho escrito.

E tem outros, tenho acompanhado muitos projetos bacanas na universidade, embora tenha coisas difíceis também, como a perspectiva liberal que toma conta do mundo. Por outro lado, ela produz a possibilidade do sujeito projetar a sua vida, construir uma carreira. Mas a carreira na universidade é eminentemente liberal. Então, nós vivemos uma contradição: falamos em nome do coletivo, mas percorremos e almejamos, muitas vezes, nem todos obviamente, carreiras individuais. Momento importante, mas também um momento delicado. Mas o movimento avançou, construíram políticas, mas agora nós estamos num momento liberal, liberalíssim! E a gente precisa ser estratégico. É sobrevivência também, porque nós continuamos ainda sendo filhos e filhas de pais analfabetos que não têm herança. A herança nossa é histórica. Tem umas pessoas famosinhas que conseguiram conquistar um lugar nessa coisa da diversidade, mas que agora também abandonam porque esse projeto já não existe mais. Então, eu acho importante que grupos como o de vocês, no campo da psicanálise, sejam fundamentais. Porque tem que partir de um lugar. Que seja um lugar novo, eu acho que vocês estão fazendo isso, né?

⁶ Cf. Noemi Moritz Kon; Cristiane Curi Abud; Maria Lucia da Silva. *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. Perspectiva, 2019

⁷ I Congresso da Rede Intramericana de Psicanálise e Política (RedIPol) - As Américas e seus destinos: psicanálise e política. Que aconteceu no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) entre os dias 8 e 11 de outubro de 2024.

Psicanálise Periférica: A senhora falou de coletivo, né? E a gente se nomeia enquanto coletivo. Coletivo de Psicanálise Periférica, e, a partir daí, vai almejando esses aspectos de coletivização dos espaços de atendimento. E o AMMA é uma referência para a gente. E aí eu queria perguntar sobre a sustentação desse trabalho coletivo. Para além das condições materiais que já estão postas, dos lugares que nós viemos e com pessoas periféricas, mas como que foi isso? Talvez um aconselhamento pra gente. Porque a gente tá começando a se ver também meio grande, no sentido de fazer uma formação, publicar uma revista, ter grupos de estudos, Meio como sustentar isso assim também.

Maria Lúcia: Então... É muito interessante, porque a gente praticamente se sustentou com trabalhos para terceiros, tipo, Secretarias de Saúde. Porque a questão da saúde mental, ela só ganhou visibilidade com a pandemia concretamente. E a gente talvez tivesse um desconhecimento ou um ativismo excessivo que não permitiu investimentos amplos. Nós somos uma referência para algumas organizações do movimento negro. O sustento do AMMA sempre foi através de parcerias com o trabalho. Desenvolvemos projetos com a Secretaria Saúde do Estado e do Município de São Paulo, por exemplo, nós participamos do Projeto de Cooperação Internacional entre Brasil e Grã-Bretanha, que foi como um estudo de caso, como o racismo se materializava nas relações e nas políticas em dois municípios: Salvador e Recife. Criando uma metodologia para a identificação de racismo institucional, uma metodologia psicossocial, e trabalhamos com todas as Prefeituras de Salvador e com o Ministério Público de Pernambuco e, em conjunto, realizamos um grande diagnóstico e nesse processo foi introduzido o conceito de racismo institucional como analisador das instituições.. E é algo que a gente trabalha até hoje, dando consultoria para as instituições. Esse é um recurso. Então, é importante não só pesquisar as instituições de apoio financeiro, mas é importante vocês terem em mente a construção de ações de autossustentação, com vistas a construção de um fundo patrimonial. Então, eu acho que atenção com os recursos. Atenção, não só recursos para pagar quem está trabalhando, mas para construir reserva. Poder oferecer projetos institucionais para poder captar também e poder influir. A gente fez muitas coisas, institucionalmente trabalhando com prefeituras, Secretarias de Estado e também com organizações sociais.

Em 2025 faremos 30 anos e há cinco, seis anos atrás, a gente começou a fazer transição. Fazer transição é a coisa mais difícil. O que é fazer transição? É você sair e o seu legado

continuar. Igual a mãe faz com a gente. Algumas mães são muito, como é que a gente fala? Aquelas grudentas? Super protetoras... Achando que só ela que faz melhor. Às vezes, nem deixa os filhos se mobilizarem. Então, também, prestar atenção para isso. E poder construir um espaço interno, onde tudo pode ser dito e pode ser trabalhado. Começamos a fazer uma transição, fizemos a passagem, mas seguimos dando sustentação ao grupo. Criar a estrutura interna da instituição, em algum nível, para não ficar no amadorismo, né? Então, acho que olhar isso é importante e seguir preparando a transição desde agora. Criar estratégias de sustentação, de acompanhamento, atenção aos conflitos e aos perfis, que não significa que todo mundo tem que ser igual. Cuidar dos conflitos que sempre aparecem em todas as instituições, principalmente quando ela vai crescendo. Poder separar o que eu gosto/desejo quando estamos construindo coletivamente, mas com atenção às entregas, como nos comportamos diante de conflitos etc. Cuidar das relações e cuidar da estrutura.